**LIVRO DO APOCALIPSE**

1 – **Significado**: Apocalipse = Revelação – “Revelação de Jesus Cristo... (Ap 1,1).

2 – **Autor**: O livro do Apocalipse apresenta-se como a visão do “profeta” João, filho de Zebedeu e presumível autor do quarto evangelho.

3 – **Situação do autor**: exilado (?) na ilha grega de Patmos “por causa da palavra de Deus e do testemunho da fé” (Ap 1,9).

4 – **Idéia geral do Apocalipse**: revela uma situação de perseguição e de desistências, provavelmente no fim do séc. 1º, na Ásia Menor (hoje Turquia). O autor procura revelar o mistério (Ap 10,7) do que está acontecendo e do que vai acontecer: Deus vai agir na história, julgando e destruindo o mal, para implantar definitivamente o seu Reino entre os homens (Ap 11,15).

a - ***Pressões externas***: as perseguições, o regime político e econômico do império romano, a idolatria centrada no culto ao imperador (Domiciano – de 81 a 96 dC), a exclusão do mercado (Ap 19,17). O povo de Deus está sendo oprimido, perseguido e vigiado pelas estruturas de poder. Em tais circunstâncias não se pode falar claro, principalmente porque o autor pretende mostrar a situação real e traçar uma estratégia de resistência e ação.

b – ***Problemas internos***: estão ligados também às perseguições. Aparecem, sobretudo, nas sete cartas dos cap. 1 – 3: a procura de outros cultos (contida nos termos “assembléia, trono, profundezas de satanás “ – Ap 2,3.13.24) pode ter sido uma maneira de escapar às pressões do poder político associado ao Dragão/Satanás (Ap 12,9). Dois grandes motivos levaram o autor a dirigir sua mensagem às comunidades cristãs (=igrejas) da Ásia Menor:

1º - ***O sincretismo religioso:*** As conquistas de Alexandre Magno e, mais tarde, a dominação romana, unificaram numerosas nações, misturando culturas, costumes e religiões. Para o cristianismo nascente, isso podia significar o desvirtuamento interno, a perda da identidade, a desagregação das comunidades e, consequentemente, a ausência de um testemunho corajoso contra a idolatria, principalmente a idolatria de um poder político absoluto e tirânico.

2º - ***A dominação romana e a religião imperial:*** No tempo do imperador Nero (54 a 68 dC), os cristãos foram perseguidos pela 1ª vez, mas só em Roma e não por causa da fé. Era tempo de decadência e a autoridade do imperador estava seriamente abalada. Para reafirmar-se, o imperador Vespasiano (69 a 79 dC) criou a religião imperial, isto é, o culto aos imperadores mortos, além de atribuir a si mesmo títulos divinos, como “salvador, benfeitor, senhor”. Domiciano (81 a 96 dC) impôs essa religião imperial a todos os povos dominados, exigindo inclusive o culto ao imperador vivo. Quem recusasse tal culto, era considerado inimigo e, por isso, perseguido e morto.

5 – **Compreensão do Apocalipse**: para entender o Apocalipse é preciso ter em consideração:

a – ***O gênero literário apocalíptico***, que tem modelos no AT (sobretudo Ezequiel e Daniel) e na literatura judaica da época (Henoc, Jubileus, 4º livro de Esdras, etc.).

b – ***O gênero martirológico*** ( como 2º Macabeus).

Assim sendo, o “profeta” apocalíptico, guiado pelo Espírito, vê em imagens, parecidas com as visões do sonho, aquilo que o olho humano não vê. Essas imagens evocam as mensagens dos grandes símbolos bíblicos e/ou antropológicos. Não devem ser vistos como descrições realistas de algum fato presente ou futuro, embora algumas alusões a fatos reais colaborem para tornar as imagens mais incisivas. O “apocalíptico” vê o céu aberto e enxerga as coisas na ótica de Deus. Com um olho ele observa o que acontece na terra ( = os fiéis e justos são perseguidos, oprimidos, excluídos – por exemplo: não recebem a marca da Fera e por isso não podem comprar ou vender ‘Ap 13,17’), mas com o outro olho ele vê no céu a glória do Cordeiro imolado e a glória dos mártires vencedores. Com esses dois olhos ele tem visão de profundidade!

2

6 – **Idéia central do Apocalipse**: O Apocalipse é um apelo à firmeza e uma mensagem de esperança. Nos bastidores, a história é diferente da que aparece. Vale a pena resistir ao Dragão e às suas feras, mesmo que custe a vida (= 1ª morte). Pela fidelidade, os fiéis participarão da ressurreição e não conhecerão a “2ª morte” – a morte da verdade.

7 – **O que é o Apocalipse e o que não é e nem quer ser**: O Apocalipse ***não é*** uma especulação a respeito do futuro, nem um livro para confundir nossa cabeça ou imprimir medo (fim do mundo, destruição, caos...).

O Apocalipse ***é*** uma expressão de resistência ao mal e aos praticantes do mal; é expressão de esperança para os fiéis de todos os tempos.

As alusões à história são difíceis de serem decifradas e, às vezes, são contraditórias. O importante não é saber se a Fera é o Imperador Nero ou Domiciano, mas perceber que ela representa o Dragão, ou seja, o Poder do Mal – que é maior que a história momentânea – e que quer competir com o Poder Transcendente de Deus. Por isso, as imagens do Apocalipse são indefinidas, “surrealistas”, escapam de interpretações precisas e são, por isso, sempre atuais – acontecem sempre!

8 – **Ensinamento do Apocalipse**: O Apocalipse nos ensina a ver a história à luz daquilo que se cumpriu definitivamente na morte e ressurreição do grande Mártir e Testemunha, Jesus Cristo, o Cordeiro “de pé como que imolado” (Ap 5,6). É ele quem abre o livro da história e ele que tem a última palavra sobre a história humana (Ap 5,9).

O Apocalipse anuncia o encerramento das Escrituras. Quase todas as imagens são tiradas do AT (sobretudo Gênesis, Êxodo e os profetas Isaías, Ezequiel, Daniel, Zacarias...), pois em Cristo cumpriram-se as Escrituras e elas continuam cumprindo-se em favor daqueles que o seguem com perseverança.

9 – **Conteúdo do Apocalipse**: O Apocalipse é emoldurado pelo tema da Igreja. No início, depois de um pequeno prefácio (Ap 1,1-3), segue a visão da Igreja com uma introdução (Ap 1,4-8) e uma visão inicial (Ap 1,9-20), que se desdobra nas cartas às sete igrejas (Ap 2-3). Contrabalança esta parte a visão da Nova Jerusalém e do esposo – Cristo - que vem ao encontro da esposa – a Igreja) (Ap 20 – 21). A partir do cap. 4º começa a visão profética do momento histórico dos leitores. O profeta mostra alternadamente o que se vê no céu, junto de Deus e do Cordeiro Imolado e Vencedor – Jesus Cristo glorioso – e o que se vê na terra ou no cosmo. Os cap. 4 e 5 mostram a liturgia celeste e o Livro da História, que só o Cordeiro pode abrir. A visão final do Cordeiro Vitorioso nos cap. 19 e 20 equilibra esta grandiosa visão inaugural.

A parte central do Apocalipse é construída com o recurso literário do suspense, que evoca a experiência da Igreja no fim do 1º século: a demorada espera da parusia. Inicia-se a abertura dos sete selos (Ap 6-7), mas o sétimo selo não é aberto e há silêncio no céu (Ap 8,1). Segue a visão das sete trombetas (Ap 8-9), mas antes da 7ª trombeta, os cap. 10-11 descrevem o tempo testemunho. E quando toca a 7ª trombeta, não se descreve nenhum acontecimento cósmico, e sim, a abertura do céu (Ap 11,15-19).

No céu aparece, então, a visão central do livro: a luta entre a Mulher (= o Povo de Deus – a Igreja) e o Dragão (=as forças do mal), auxiliado pela Fera e o Falso Profeta (ou a 2ª fera). Esta visão central é o 7º selo e a 7ª trombeta, sendo concluído pelas sete taças (Ap 15-16) e culminando com a destruição do poder inimigo, chamado de Prostituta Babilônia, por causa da prostituição religiosa (=idolatria) mas também política e econômica (Ap 17-18). As sete taças dão a entender que do mesmo modo o sétimo selo e a 7ª trombeta se completam na plenitude da história ( 3 x 7).

Os cap. 19 e 20, já em tom de vitória, mostram que a vitória sobre o Dragão, embora decidida, não exclui suas convulsões nos dias atuais. Ainda não é o fim. O profeta vê a ressurreição dos mártires e

3

o reino dos justos (os “mil anos”, que para Deus são apenas um dia...). Satanás, porém, tem ainda um momento, mas o profeta vê também a sua destruição total (=a 2ª morte) e com ele desaparecem os lugares simbólicos do mal (=o mar).

Então há lugar para a visão do novo céu, da nova terra, da nova Jerusalém (Ap 21-22), visões que repetem muitos termos da visão inicial das sete Igrejas: o Apocalipse fica assim emoldurado entre as sete igrejas da história, no início e a igreja celestial “a Esposa do Cordeiro” que aparece no fim do livro e se expressa na liturgia que o encerra.

10 – **Temas específicos do Apocalipse**:

a – **O TESTEMUNHO**: tanto Jesus que aparece ao profeta apocalíptico, como ele mesmo e também os fiéis, são chamados de *testemunhas* , mártires como se diz em grego, o que evoca a realidade do testemunho da fé até a morte, nas igrejas do Apocalipse. O exemplo vem do próprio Jesus.

b – **O “ESPÍRITO DA PROFECIA”** (19,10): o Espírito leva os que têm o dom da profecia, em 1º lugar o autor do Apocalipse, a dar o testemunho de Jesus. A igreja do Apocalipse é uma igreja na qual ainda vigora a inspiração profética.

c – **A MULHER – POVO – IGREJA**: Retomando o costume do AT, o Apocalipse apresenta a comunidade fiel sob as figuras, primeiro da mulher que traz ao mundo o Messias (Ap 12-14) e, no fim, da Noiva preparada para o Esposo – que no AT é Javé (Deus Pai) e, no NT o próprio Jesus Cordeiro na glória do Pai (Ap 21). A figura da mulher infiel é a “prostituta” Babilônia.

d – **JESUS – CORDEIRO IMOLADO E SENHOR DOS SENHORES**: Dando a sua vida, na fragilidade da morte, ele vence as forças históricas e supra-históricas do Mal que aparentemente dominam o mundo, e recebe o título que era dado aos dominadores dos impérios orientais: Senhor dos Senhores.

e – **A ESPERANÇA E A PERSEVERANÇA**: o olhar apocalíptico seve para abrir uma perspectiva de esperança, que nos dá força para perseverar no seguimento do Cordeiro. As cartas às igrejas terminam sempre: “O vencedor...”.

f – **A LITURGIA:** o Apocalipse está cheio de liturgia: as visões da liturgia celeste em torno do trono de Deus e do Cordeiro (Ap 4-5...), mas também a liturgia da igreja na terra que acolhe o Senhor que vem (Ap 22,17). Na liturgia celebramos não só nossa vida atual, mas sobretudo sua plenitude já realizada pelo Cordeiro imolado, na glória do Pai.

11 – **SÍNTESE EXEGÉTICA DO APOCALIPSE:**

a – ***Prólogo*** (**1,1–20**): O nº 7 é simbólico e indica totalidade, plenitude – João se dirige a toda a Igreja, representada pelas comunidades da Ásia. Deus Pai é o Senhor da História: assim como agiu no passado, age no presente e agirá no futuro. “Sete Espíritos” = a plenitude do Espírito de Deus.

Jesus é o centro do projeto e ação de Deus. A glória e o poder lhe pertencem, porque:

- Ele é a *Testemunha Fiel*: revelou e realizou o projeto do Pai até o fim, dando a vida por amor a todos.

- Ele é o *Primeiro a Ressuscitar dos mortos*, vencendo a morte e o pecado, iniciando nova humanidade.

- Ele é o *Chefe dos Reis da Terra*: está cima dos poderosos e reúne os homens para fazer deles sacerdotes da Aliança com Deus Pai.

O v. 7º mostra que Jesus vem para julgar e implantar seu Reino.

Nos vv. 9-20 temos a 1ª visão, que é o motor de todo o livro. A situação de João mostra que os cristãos, por darem testemunho, sofrem tribulação (=perseguição), mas já participam da vitória do Ressuscitado (=realeza) e, por isso, perseveram na fé e no testemunho. João vê Jesus presente e agindo dentro da vida das comunidades (=candelabros), que irradiam a presença de Cristo Ressuscitado. Ele é o Filho do Homem, o enviado de Deus para realizar o julgamento e instaurar o

4

Reino. Jesus é o Único Mediador entre Deus e as comunidades : é Sacerdote (=túnica), Rei (=cinto de ouro), Divino (=cabelos brancos), tem a Ciência de Deus para penetrar tudo (=olhos de fogo), é Firme (=pés de bronze), Poderoso (=voz como as águas). As 7 Estrelas são os chefes (=anjos) das comunidades, a Espada com dois cortes é o Evangelho que jilga a Igreja e o mundo. O rosto brilhante como o sol relembra a transfiguração.

João personifica as comunidades com medo das perseguições (=como morto). Mas o Ressuscitado, presente na Igreja, traz tranquilidade e segurança porque é o Senhor da História (=primeiro e último) e o Senhor da Vida (= tem as chaves da morte e da morada dos mortos).

A missão de João é escrever o livro do Apocalipse para toda a Igreja. As “coisas presentes” são as sete cartas para as igrejas, convidando-as à conversão (caps. 2-3); as “coisas que devem acontecer depois delas” estão na 2ª parte do livro, mostrando o testemunho da Igreja no mundo (caps. 4-22).

b – **As coisas presentes: Conversão da Igreja** (**2-3**) – As sete cartas apresentam a Igreja toda “por dentro”: Jesus está presente nela e, pela palavra do Evangelho, faz com que ela se converta sempre, identificando-se cada vez mais com a pessoa e o testemunho Dele.

1ª – ***Comunidade de Éfeso (2,1-7)***: É ativa e faz muita coisa boa. Mas deixou de obedecer ao mandamento do amor, correndo o risco de perder a sua identidade como comunidade cristã. ***A exortação do v. 7 aparece no fim das sete cartas: “Quando a Igreja se encontra em processo de conversão para seguir a Jesus, ela se torna capaz de perceber, pelo Espírito de Jesus, qual é a palavra a ser dita e a ação oportuna a ser realizada no momento que ela está vivendo”.***

2ª – **Comunidade de Esmirna (2,8-11)**: É pobre. Sua riqueza consiste no testemunho e no seguimento de Jesus. Por isso, não deve temer as perseguições: assim como Jesus morreu e ressuscitou, do mesmo modo também ela terá sempre a vida.

3ª – **Comunidade de Pérgamo (2,12-17)**: Sabe resistir à religião imperial (= trono de satanás) , que efetua perseguições e martírios, mas sucumbe à sedução do sincretismo religioso (= doutrina de Balaão e dos Nicolaítas). A comunidade cristã precisa discernir e combater a idolatria do poder político totalitário e a idolatria das ideias que ameaçam a vida cristã autêntica.

4ª – **Comunidade de Tiatira (2,18-29):** É exemplar em tudo, menos no combate às falsas doutrinas que ameaçam desvirtuar a vida cristã.

5ª – **Comunidade de Sardes (3,1-6):** Se apoia na hipocrisia. Sua vida como comunidade cristã é apenas aparência que não corresponde à realidade.

6ª – **Comunidade de Filadélfia (3,7-13):** É fraca, mas permanece fiel à fé e, por isso, recebe proteção especial de Jesus na hora da perseguição. É na fraqueza do homem que se manifesta o amor de Jesus, dando-lhe força e coragem.

7ª – **Comunidade de Laodicéia (3,14-22):** É rica e auto-suficiente: confia em si mesma e não quer depender de ninguém. Contudo, a verdadeira riqueza de uma comunidade é ouvir e ficar unida à Palavra de Jesus.

c – **As coisas futuras: História, Julgamento e Reino:**

**1º** - **O Senhor da história (4-5):**

**\* Deus governa a história (4):** Em ***4,1*** João diz que a Igreja, num processo de conversão, a Igreja se torna capaz de discernir o projeto de Deus que está em realização na história. Ele descreverá o mistério que está por dentro da história e que dirige todo o seu desenvolvimento.

***4,3-4:*** João apresenta Deus como Rei e Juiz que governa a história (= trono), mas seu governo é dirigido pelo amor e misericórdia (= arco-iris – cfr. Gn 9,13ss), pois Deus só quer a vida: Ele é santo e Trascendente (= brilho das pedras preciosas). O Povo de Deus (=24 Anciãos) participa do governo da história (= tronos), da vida do Ressuscitado (= veste branca) e da Vitória (= coroa).

5

***4,5-6a*:** Deus age continuamente na história, intervindo em favor do homem (= relâmpagos, vozes, trovões – cfr. Ex 19,16), dando vida a todos os seres (= sete Espíritos) e governando todos os povos (= mar de vidro – Cfr. Sl 65,8).

***4,6b-8a***: Os quatro Seres vivos simbolizam toda a criação (quatro também indica totalidade). As criaturas testemunham que Deus agem sem cessar, de modo vigilante (=olhos) e rápido (=asas).

***4,8b-11***: A criação e o Povo de Deus louva a Deus reconhecendo-o como Todo-Poderoso e Senhor da história. Numa perseguição os cristãos não se desesperam, pois sabem que o Deus Criador sustenta e dirige toda a história.

**\* Jesus Ressuscitado revela e realiza o projeto de Deus (5):** **5,1-4** O livro completamente fechado (=sete selos ou lacres) e inteiramente escrito (por dentro e por fora) está na mão de Deus, porque contém o Projeto de Deus sobre a vida e a história. O AT é esse livro fechado, que se torna plenamente compreendido na pessoa de Jesus. João chora: é o desespero da comunidade diante da impossibilidade de conhecer o Projeto de Deus na história.

**5,5-7**: Cristo morto e ressuscitado é o Cordeiro Pascal, imolado pelos pecados do mundo. Está de pé porque ressuscitou. Ele é o Messias (=Leão e Rebento) que tem a plenitude do poder (=7 chifres) e a plenitude do Espírito de Deus, pois Ele vê tudo o que acontece na história (=7 olhos e 7 Espíritos). Ele pode receber e abrir o livro, porque, na sua morte e ressurreição, já realizou o projeto de Deus, que é a salvação. A história dos homens está nas mãos de Cristo e será cumprido por todos.

**5,8-14:** Quando o Cordeiro recebe o livro, ouvem-se três grandes louvores: ***o primeiro*** é o ***da criação e do Povo de Deus***, mostrando porque o Cordeiro pode receber o livro; ***o segundo*** é dos ***anjos***, atribuindo a Jesus todas as qualidades – o Senhor da história é somente Jesus e não os poderes que se absolutizam; ***o terceiro*** é o ***de todas as criaturas*** que reconhecem Deus e o Cordeiro no mesmo plano. O Povo de Deus adora somente a Deus e Jesus Cristo e não os homens e nem as coisas.

**2º - O projeto de Deus na história (6-7)**: Temos aqui um resumo de todo Apocalipse. João mostra o que é a história do homem, como ela está em poder do Ressuscitado e a caminho do julgamento e a salvação.

**6,1-8:** Os primeiros quatro selos apresentam a história do homem dominada pelo mal. A fonte do mal é a ambição de poder e conquista (1º selo), que geram guerra e competição (2º selo), o racionamento e a fome (3º selo), a doença e a morte (4º selo).

**6,9-11**: Em meio ao mal, os cristãos são perseguidos e mortos como Jesus. Eles pedem que Deus faça justiça, julgando o mal e salvando. Deus, porém, espera que todo o seu povo esteja reunido. A veste branca mostra que os mártires já participam da vitória do Ressuscitado.

**6,12-17:** Respondendo ao pedido dos mártires, Deus realiza o grande Dia do Julgamento. O julgamento, apresentado sob a figura dos fenômenos catastróficos da natureza, é a consequência do poder do mal que domina a história, sendo esse mal simbolizado pelos quatro cavaleiros. O julgamento atinge a todos (=sete categorias sociais). Reconhecendo-se culpados, os homens temem mais a Deus do que a própria morte.

**7,1-9a:** O aspecto positivo do grande Dia é a salvação. O Povo de Deus (=12 tribos) é protegido no julgamento (=os anjos seguram os quatro ventos). A marca na fronte é o sinal da salvação e da pertença a Deus. O Povo de Deus é apresentado como o Israel perfeito (12x12x1.000 = 144,000). É um povo incontável porque a salvação está aberta a todos os homens (=gente de todas as nações, tribos, povos e línguas).

**7,9b-12:** O Povo de Deus reconhece que a salvação vem de Deus e do Cordeiro. Não são as coisas e nem os homens absolutizados que salvam. Unido aos anjos e à criação, o Povo de Deus adora a Deus e reconhece que a plenitude do louvor pertence somente a Deus.

6

**7,13-17**: João enfatiza a salvação do Povo de Deus. A grande tribulação são as perseguições. A veste branca significa a participação no testemunho de Jesus. Os vv. 15-17 lembram a Festa das Tendas, que era um sinal da Aliança. A salvação é a realização da Aliança: a morada de Deus com os homens. Com a realização da Aliança não haverá mais limitações nem sofrimentos: Jesus será o pastor que leva o povo a viver em plenitude.

**3º - O julgamento, a Missão do Povo de Deus e o Reino (8-11):** Com a abertura do 7º selo, o livro do Projeto de Deus está aberto, e agora vai ser realizado, Esse projeto é o mistério (10,7) que vai ser cumprido: a vinda do9 Reino (11,15).

**8,1-6:** O silêncio por meia hora indica a gravidade do que vai acontecer. Com o julgamento (=trombetas) e o Reino começa na história o tempo final. O incenso oferecido junto com as orações dos santos indica que o pedido dos mártires (6,9-11) vai ser atendido: Deus intervém na história fazendo justiça e salvando.

**8,7-13**: O julgamento é universal (terra, mar, rios, fontes e astros), mas se realiza aos poucos ao longo da história (=um terço). Assim como Deus agiu no passado (pragas do Egito), Ele age no presente e agirá no futuro para julgar o mal e instaurar o bem. A águia adverte sobre os três últimos toques da trombeta.

**9,1-12**: A intervenção de Deus atinge e destrói o mal. Os gafanhotos lembram a 8ª praga do Egito, mas são descritos como um exército que vai atacar os que não têm a marca de Deus, isto é, os perseguidores do povo de Deus. João parece aludir às grandes potências em luta constante pela supremacia. Os perseguidores serão destruídos pelo seu próprio mal.

**9,13-21**: No AT a região do rio Eufrates era de onde vinham os exércitos inimigos. A 6ª trombeta mostra que o julgamento é ***apelo à conversão:*** abandonar os ídolos e aceitar o único absoluto que é Deus. Mas os homens não deixam de adorar os ídolos: coisas e pessoas absolutizadas. Como consequência não deixam de praticar o mal, pois o homem é sempre a imagem do deus que ele adora e serve.

**10,1-3:** O anjo forte indica uma grande intervenção de Deus. Intervenção de misericórdia (=arco-íris), que interessa a todos (=mar e terra). O livrinho aberto é o Evangelho, com esta mensagem clara e universal: Deus quer salvar todos os homens, chamando-os à conversão.

**10,4-10:** O Evangelho não deve ser escrito, porque o seu conteúdo é urgente (=não há mais tempo), pois com a 7ª trombeta o mistério de Deus vai se realizar: a instauração do Reino. O fim da história, com o julgamento e a salvação, chega pelo anúncio do Evangelho. Por isso ele deve ser comido, isto é, assimilado, para ser vivido e testemunhado. Ele é doce porque anuncia a salvação, mas é também amargo porque provoca perseguições por parte dos maus.

**11:** A missão do Povo de Deus é continuar profetizando a muitos povos, , nações, línguas e reis. Profetizar é anunciar o Evangelho, ou seja, continuar o testemunho dado por Jesus. O anúncio é para todos, porque o Evangelho julga e salva: ou continuar com os ídolos e caminhar para a morte, ou aceitar o Deus revelado por Jesus, convertendo-se para viver.

**11,1-2:** O templo, o altar e os adoradores são símbolos do Povo de Deus. A maldição é um sinal de proteção e preservação. O resto do mundo é dominado pelos pagãos até o fim da história.

42 meses (1.260 dias = 3 anos e meio = 3 tempos e meio) foi o tempo que durou a perseguição de Antíoco IV aos judeus; tornou-se o tempo simbólico da era escatológica, isto é, o tempo que vai da ressurreição de Jesus até o fim da história.

**11,3-6**: As duas testemunhas personificam o Povo de Deus, que realiza a missão profética. É tempo de perseguição e penitência (=vestidos de pano de saco). Em Zc 4,3.14, as duas oliveiras simbolizavam os dois chefes, político e religioso, que iriam restaurar o povo de Deus. João mostra que o novo Povo de Deus é formado pelos cristãos que anunciam o Evangelho. Os membros do

7

Povo de Deus são luz de Deus para a terra (=candelabro) e são profetas como Moisés (=poder sobre a água) e como Elias (=poder sobre o fogo e a chuva).

**11,7-10:** Profetizar é dizer a verdade e isso leva à perseguição e até à morte. É assim que os cristãos continuam o testemunho de Jesus. A ***Besta*** é a idolatria do poder político absolutizado, como o do imperador romano. A **Grande Cidade** é a sede desse poder, que nela reproduz a vida desregrada de Sodoma, a opressão do Egito e a injustiça de Jerusalém, que crucificou Jesus. As pessoas se alegram com a morte das testemunhas; de fato, os profetas incomodam a sociedade que não quer abandonar seus ídolos.

**11,11-14:** A vitória da Besta é curta (3 dias e meio), pois o Espírito de Deus ressuscita as testemunhas, que vão para junto de Deus. O resultado da missão profética é a intervenção divina (=terremoto). Deus age através do testemunho dos cristãos, realizando o julgamento que provoca a conversão: os sobreviventes dão glória ao Deus do céu.

**11,15-19:** Com a 7ª trombeta realiza-se o mistério de Deus: a vinda do Reino através do testemunho profético do Povo de Deus. O Povo de Deus (=24 Anciãos) proclama o Deus Todo-Poderoso, que reina e realiza a justiça. Não se fala mais do Deus “que vem”, porque já veio no testemunho de Jesus e dos seus seguidores. A ***Arca*** é o sinal da Aliança e indica a presença de Deus no meio do povo. A Aliança se realiza através do testemunho profético do Povo de Deus.

**12,1-18:** É a parte mais importante do livro. Mostra que o tempo do Povo de Deus é o tempo de confronto com o mal até chegar a consumação da história. João analisa a vitória sobre o mal (Ap 12), o ambiente onde os cristãos vão profetizar (Ap. 13) e a consequência do testemunho profético, isto é, o julgamento (Ap 14,1-16,20).

**12,1-2:** A ***Mulher*** é um símbolo cheio de significados: é ***Eva*** – a mãe da humanidade, o ***Povo de Israel*** – 12 estrelas = 12 tribos, ***Sião*** – o resto do povo de Deus que espera o Messias, ***Maria*** – mãe de Jesus e mãe dos discípulos de Jesus, ***Povo de Deus da Nova Aliança*** – 12 estrelas = 12 apóstolos.

**12,3-4**: O ***Dragão*** personifica o mal, inimigo de Deus. Trata-se do egoísmo, orgulho, auto-suficiência que deformam os indivíduos e grupos sociais. Ele é sanguinário (=vermelho), tem pleno poder sobre os impérios do mundo (=7 cabeças e 7 diademas), mas sua força é imperfeita (=10 chifres). Ele tem a pretensão de lutar contra Deus (=estrelas do céu), Quer devorar o Filho da Mulher, o Messias, que veio para destruí-lo.

**12,5-6:** O ***Filho*** é Jesus que nasce para a glória (ressurreição) e para dominar as nações, destruindo o poder do dragão. O mal foi derrotado. Agora a situação do Povo de Deus é como a dos hebreus no deserto, libertado9s da escravidão: viverá no deserto até o fim da história (1.260 dias), em meio a perseguições e na intimidade com Deus.

**12,7-12:** O mal foi cortado pela raiz. Miguel (=Quem é como Deus?) vence e expulsa o Dragão, o mal que sempre ameaçou a humanidade (Serpente, Diabo, Satanás). Mas os cristãos não podem ficar acomodados, porque o mal continua agindo no mundo e, agonizante, ainda vai perseguir os homens de todos os modos.

**12,13-18:** O mal não conseguiu vencer Jesus; por isso agora persegue os cristãos. Mas estes são sempre protegidos por Deus, até o final da história (= três tempos e meio = 1.260 dias). É tempo de perseguição (=rio), mas - como no Êxodo - o povo não sucumbe.

**13,1-18:** O Povo de Deus profetiza na ***Grande Cidade***, onde estão os poderes que se tornam maus quando se absolutizam, tomando o lugar de Deus e escravizando os homens.

**13,1-4:** A ***Besta*** é o poder político absolutizado, isto é, os poderes totalitários, ditatoriais e opressores. Na época de João, trata-se de ***Roma***, capital do império romano. A Besta encarna o Mal (=Dragão) na história (= 7 cabeças e 10 chifres, que serão explicados em Ap 17). Blasfemar é tomar coisas ou pessoas humanas

8

como divinas; usurpando títulos honoríficos e divinos é que os poderosos afirmam sua autoridade e oprimem os homens. A Besta é uma superpotência (pantera, urso, leão – Dn7,4-7). Ela é agente do mal (=Dragão) que lhe dá todo o poder. O império romano parecia ter decaído com Nero, mas depois volta ao seu esplendor(=cabeça ferida e curada): é o mal que vai e vem na história através dos poderes absolutizados. As multidões se maravilham com isso e adoram a Besta como se fosse Deus: “Quem é como a Besta? E quem pode lutar contra ela?”.

**13,5-8**: A Besta age até o fim da história (=42 meses). Aqui as blasfêmias são valores que o poder absoluto propõe como valores divinos, violando as consciências. A Besta é adorada por todos aqueles que não conhecem e não vivem o testemunho de Jesus. Os discípulos de Jesus são perseguidos e mortos por não aceitarem a idolatria.

**13,9-10**: Para serem fiéis e perseverarem, os cristãos devem manter o espírito crítico, pois Deus vai realizar o que projetou.

**13,11-12:** A 2ª Besta, depois chamada de “Falso Profeta” (16,13) é a propaganda ideológica, que sustenta os poderes absolutos e cuja essência é a falsidade: apresenta o mal com aparências de bem (=cordeiro e dragão), para levar as pessoas a aceitarem um sistema político desumano, como se este viesse de Deus.

**13,13-17:** A propaganda promete grandes milagres e mudanças, mas falsamente. Para sustentar os poderes e impor respeito, e até mesmo adoração, a propaganda multiplica a imagem dos poderosos, fazendo crer que são onipresentes e vigilantes. Graças à manjpulação, a 2ª Besta controla a ação (=mão direita) e o pensamento (=fronte) de toda a sociedade. Para poder participar da economia (=comprar e vender) todo mundo deve pensar e agir de acordo com a 1ª Besta.

**13,18:** O autor identifica a 1ª Besta com o imperador romano da época. O número ***666*** , conforme o valor numérico das letras em hebraico, corresponde ao nome do imperador César Nero. O imperador Domiciano é visto como a ressurreição de Nero e da sua crueldade. O número 666, contudo, pode também significar o máximo da imperfeição, pois seis não atinge sete (perfeição) e é a metade de doze (totalidade). Indicaria, assim, a relatividade e fraqueza dos poderes totalitários.

**14,1-20:** O capítulo apresenta uma visão que antecipa o que vai acontecer: os cristãos testemunham o Evangelho no ambiente dominado pelo Dragão e pela Besta, e o resultado final é o Julgamento.

**14,1-5:** O Povo de Deus está com o Cordeiro vitorioso. Eles pertencem a Deus e ao Cordeiro (=a marca na fronte). O cântico novo é o anúncio do julgamento e da salvação. Só o Povo de Deus pode aprender esse cântico, porque só ele conhece o Projeto de Deus: Não se prostitui, nem mente, porque não se submete aos falsos absolutos. São fiéis a Deus (=virgens); seguem o Cordeiro, dando testemunho de Jesus até o fim.

**14,6-7:** O Evangelho é o livrinho citado em 10,2. Seu conteúdo é a Palavra definitiva de Deus dirigida a todos: Temer o único Deus vivo e verdadeiro e só a Ele dar glória. O Evangelho é o julgamento, porque denuncia os falsos absolutos e convida todos à conversão.

**14,8:** O anúncio do Evangelho desmascara os ídolos e, como consequência, faz desmoronar a cidade construída sobre ídolos (=prostituição).

**14,9-11**: Os que seguem e adoram a Besta serão destruídos com a cidade idolátrica. Quem não se converte ao verdadeiro Deus, perece com os ídolos (=taça da ira).

**14,12-13**: Em meio ao julgamento, o Povo de Deus persevera no testemunho e na confiança, sabendo que o testemunho o acompanha diante de Deus.

**14,14-20:** O anúncio do Evangelho produz o julgamento, presidido por Jesus, o Filho do Homem. Ele é o Senhor da História (=sentado), é divino (=nuvem branca), é rei (=coroa) e tem o instrumento

9

para julgar (=foice). A ceifa é o julgamento, que separa os bons dos maus. A vindima é o julgamento que condena os maus, em resposta ao pedido dos mártires (cfr. 6,10).

**15,1-4:** O autor prepara a série das 7 taças. Depois de atravessar o Mar Vermelho, Moisés cantou o hino que celebrava a libertação (Ex 15). Aqui, os que venceram a Besta cantam o Cântico de Moisés e do Cordeiro, o novo Moisés, que liberta e conduz o povo à terra prometida, a Nova Jerusalém (Ap 21). O cântico celebra a justiça divina que provocará a conversão dos pagãos.

**15,5-8:** O autor retoma a descrição interrompida em 11,19, pois a Arca da Aliança ficava no santuário da Tenda do Testemunho (Ex 25,22), O Projeto de Deus vai ser executado (=os anjos saem do Templo).

A taça é símbolo do destino. Cada um sofre as consequências dos próprios atos e escolhas. O julgamento, que é a ira de Deus (Sl 75,9) é escolhido livremente pelo próprio homem quando não aceita o convite do Evangelho.

**16,1-21:** As ***7 taças*** apresentam o Julgamento definitivo operado pelo anúncio e testemunho do Evangelho. Antes do fim, todos têm a chance de se converter para o Deus vivo, e ter a vida. O julgamento atinge todo universo: terra, mar, fontes, sol, trono da Besta, ar.

**16,5-7:** A pregação do Evangelho transforma o mundo no espelho do pecado humano. A voz do altar é a voz dos mártires (Ap 6,10), reconhecendo que Deus é fiel e faz justiça.

**16,9.11.21:** O Evangelho é convite à conversão, mas os homens podem se fechar, sofrendo as consequências da própria idolatria.

**16,13-16**: Quando o mal e seus agentes são atingidos pelo anúncio do Evangelho, eles se unem com os aliados num supremo esforço para fazer frente a Deus e a seu Povo. ***Harmagedôn*** significa Montanha de Meguido, lugar de derrotas famosas no AT, tornando-se o símbolo da derrota para quem aí guerreia.

**16,15:** Os cristãos devem vigiar para não serem enganados pelas ideias do mal e de seus agentes. Devem manter-se fiéis para não serem pegos de surpresa.

**16,17-21:** Com a 7ª taça, o julgamento de Deus se realiza inteiramente. A presença de Deus se manifesta totalmente pelo anúncio do Evangelho. Então é destruído o mundo dominado pelas Bestas =Babilônia e cidades das nações). A intervenção de Deus pelo Evangelho é grandiosa, mas os homens continuam blasfemando, isto é, servindo aos ídolos.

**17-19:** João mostra que o julgamento realizado pelo anúncio do Evangelho faz aparecer a verdade; esse julgamento tem dois aspectos: ***negativo*** - desvenda o mistério do mal que domina as cidades e apresenta a destruição dele (17-18); ***positivo –*** mostra que a história caminha para a vitória do Ressuscitado. Cristo realiza a comunhão dos homens com Deus: nisto consiste o Reino (= casamento do Cordeiro –Ap 19).

**17,1-6a:** A ***prostituta*** é símbolo de uma cidade idolátrica. Na época, trata-se de Roma, aqui apresentada como Babilônia, a capital da idolatria e do vício. Ela está sentada sobre a Besta escarlate – a cor do triunfo para os romanos. Os nomes blasfematórios são títulos divinos com que o imperador assegura o próprio poder. A aparência da prostituta é suntuosa (=vestes, joias), e o que ela tem a oferecer é a idolatria (=prostituição) e os vícios (degradação humana, valores relativos apresentados como absolutos). Seu crime supremo é perseguir e matar todos aqueles que não aceitam adorar o poder político absoluto, nem se enganam com as propagandas ideológicas.

**17,6b-8:** A visão das cidades, com sua aparência de riqueza e poder, é maravilhosa e hipnotiza, provocando a alienação que faz adorar a Besta. Por isso, é preciso ter senso crítico diante da realidade. A descrição da Besta lembra o título de Deus, mas ela vem do nada e caminha para o nada. O autor se refere à decadência do império romano sob Nero, e o seu ressurgimento com Vespasiano, e também a maldade de Nero que revive em Domiciano.

10

**17,9-11**: As ***7 cabeças*** são as 7 colinas de Roma. São também 7 imperadores do séc.1º. Cinco deles já caíram: Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. Um existe – Vespasiano, e o outro durará pouco – Tito (que reinou só dois anos). A Besta é o oitavo: Domiciano e, ao mesmo tempo, é um dos sete, ou seja, o imperador Domiciano que agora persegue os cristãos, reencarnando a crueldade de Nero.

**17,12-15:** Os ***10 chifres*** são os países dominados por Roma, unidos a ela para lutarem contra Cristo, que os vencerá juntamente com seus discípulos. As ***águas*** são as multidões seduzidas pelo absolutismo romano.

**17,16-18:** O julgamento se realiza através da luta entre as nações que buscam o poder. Os dominados se revoltam e destroem o dominador.

**18,1-3:** O Evangelho desmascara e desfaz a confusão da cidade idolátrica, que no tempo era Roma, símbolo do paganismo e da tirania. A causa da ruína é a idolatria (=prostituição).

**18,48:** O Povo de Deus não é destruído porque não segue os ídolos. A lei do talião (=tal culpa, tal pena) mostra que o mal é autodestruidor (vv.6-7).

**18,9-19:** A queda da cidade provoca a lamentação daqueles que usufruíam do materialismo da cidade idolátrica. A 1ª lamentação é a dos reis da terra (poder político); a 2ª é a dos mercadores (poder econômico); a 3ª é a dos navegadores (poder das comunicações). Os três representam as forças que dominam a cidade a serviço dos ricos e poderosos,

**18,20:** O Povo de Deus exulta, porque Deus atendeu o pedido dos mártires e fez justiça.

**18,21-24:** Assim como a pedra desaparece na água, também a cidade idolátrica desaparece frente ao anúncio do Evangelho. A vitória de Deus é radical.

**19,1-5:** Deus manifesta sua glória, poder e salvação ao destruir aquela que destruía a terra: Ele faz justiça, reabilitando a honra dos perseguidos e mártires.

**19,6-9:** Deus reina através do testemunho de Jesus, dado pelos cristãos. A realeza de Deus consiste em dirigir a história, para que se realize a Aliança, simbolizada no casamento. Ela é prometida agora, e será concluída no fim dos tempos (Ap 21). Jesus ressuscitado se une com a nova humanidade na aliança de justiça (=linho branco) e de amor. O casamento é o sinal da Aliança consumada: a aliança dos homens com Deus e entre si.

**19,10:** A profecia cristã consiste em dar o testemunho de Jesus, adorando só a Deus. Não se pode adorar os transmissores da fé: pregadores, teólogos, ministros e nem eles se devem deixar adorar!

**19,11-16:** João apresenta Jesus como o Senhor absoluto da história (=cavaleiro), O branco é a cor da vitória. Ele é o Messias, a encarnação da justiça de Deus. Tem a ciência divina (=olhar de fogo) e o poder universal (=muitos diademas). “Conhecer o nome” significa ter poder sobre alguém; ora, ninguém tem poder sobre Jesus. O sangue é o dos inimigos destruídos pela justiça de Deus. Jesus é a Palavra de Deus, anunciada e vivida pela multidão dos cristãos. A espada é o Evangelho que julga, condenando ou salvando.

**19,17-21:** O anjo anuncia a vitória sobre a Besta e o falso profeta, agentes do mal. A carnificina mostra que a justiça de Deus é implacável e atinge a todos, derrotando as forças idolátricas e suas ideologias. A vitória vem através do Anúncio do Evangelho, que derrota a mentira e conduz ao Deus vivo e à verdadeira vida, que é a comunhão entre os homens na justiça e no amor. O lago de fogo simboliza o castigo eterno.

**20,1-15:** João apresenta a dinâmica do fim dos tempos: com a morte e ressurreição de Jesus, o fim da história já começou, e se vai processando ao longo da história, até chegar à consumação final, quando a aliança entre Deus e os homens se tornar plenamente manifesta.

**20,1-6:** Pela morte e ressurreição, Jesus conquistou a vitória sobre o mal (=dragão), que já não tem plena liberdade para agir. ***Mil anos*** é o tempo (simbólico e não cronológico) que vai da morte de

11

Jesus até a consumação final. A ação do Dragão é passageira e fraca (=pouco tempo). Entre a ressurreição de Jesus e a consumação final, o Povo de Deus participa da realeza de Jesus e do seu julgamento. A 1ª ressurreição é a conversão e o batismo, é a passagem da morte do pecado para a vida em Cristo. Para os convertidos não acontecerá a morte definitiva (=2ª morte).

**20,7-10:** Durante a história, o Povo de Deus (=acampamento dos santos e a Cidade amada) continua a luta contra as forças do mal (=Satanás), mas é protegido por Deus (=fogo do céu), Gog e Magog são nomes simbólicos que representam os poderes da idolatria, inimigos de Deus e do seu povo. Mas o poder do mal será completamente destruído (=lago de fogo).

**20,11-15:** O fim da história é o julgamento, no qual se manifesta a vida. A morte e o mal vão ser destruídos, e os homens serão julgados conforme viveram. O trono evoca a presença do juiz. Este céu e terra desaparecem, porque tudo se renovará. O julgamento de Deus não é arbitrário: quem pronuncia a sentença é a própria vida de cada um. O ***Livro da Vida*** é o livro do Cordeiro (13,8); nele está o nome dos que deram o testemunho de Jesus. A morte e a morada dos mortos personificam os poderes do mal. São destruídos, porque doravante tudo será vida.

**21,1-22:** João mostra que a meta da história , para além do tempo, é a plena realização da Aliança de Deus com a humanidade, numa vida inteiramente imortal. O fim da história é a vida. A humanidade nova é apresentada como Nova Jerusalém-Esposa e Nova Jerusalém-Cidade.

**21,1-4:** A nova relação que existe entre Deus e os homens é apresentada como novo céu e nova terra. O Mara já não existe porque os antigos o consideravam como moradia dos poderes do mal. A Nova Jerusalém é a cidade que Deus vai construir como dom (=vem do céu) para os homens. É a esposa do Cordeiro, o novo Adão que esposa a nova Eva. Realiza-se a Aliança de Deus com toda a humanidade. Ela se tornou a Tenda (Ex 25,8) na qual Deus está presente. Doravante, tudo é vida e realização plena.

**21,5-8:** Deus promete a renovação de tudo, pois Ele é o Senhor da história, a fonte e o fim da vida. Ele dá a vida a quem desejar. Quem for perseverante entrará para a realidade da Aliança: tornar-se-á filho, participando da realidade do próprio Cristo. O fato de conhecer o fim não dispensa a conversão.

**21,9-11:** João apresenta agora a nova humanidade como cidade perfeita e deslumbrante. Esta imagem mostra a beleza e santidade da Aliança com Deus. A humanidade é a esposa, o reverso da prostituta. João a apresenta com traços da antiga Babilônia histórica: quadrada, atravessada por uma grande avenida ao longo do rio e com jardins. Sugere, assim, que a Jerusalém celeste é a Babilônia, prostituta purificada e transformada pelo Evangelho. Agora, ela reflete a glória de Deus, que nela está presente.

**21,12-17**: As formas e medidas são perfeitas: muralhas com 144 côvados (12 x 12), doze portas com os nomes das 12 tribos, doze alicerces com os nomes dos 12 apóstolosl Ela é quadrada e cúbica, como o Santo dos Santos no Templo. Sua perfeição é inimaginável (=doze mil). Ela é uma cidade universal, aberta para toda a humanidade (=portas voltadas para os quatro pontos cardeais).

**21,18-21:** O brilho do ouro e das pedras preciosas mostra que a cidade é imagem do brilho de Deus (4,3). É a humanidade plenamente realizada, à imagem e semelhança do Criador.

**21,22-23:** Deus está presente nessa humanidade. Não é mais preciso nenhum meio para ligá-la com Deus: nem Templo, nem liturgia, nem sacerdócio. É o momento do face-a-face. Consequentemente, também não existem outras mediações: política, economia, propaganda, comércio, etc. A comunhão total com Deus leva à comunhão total dos homens entre si.

**21,24-27:** A nova humanidade é lugar de partilha e de reunião fraterna. As nações repartem suas riquezas para o bem comum. Mas, a realização da nova humanidade supõe uma conversão agora,

12

no presente da história: deixar os ídolos para ser inscrito no livro do Cordeiro. A noite não existe, porque os antigos a consideravam moradia do mal.

**22,1-5:** A cidade por dentro é um novo paraíso. Ela é governada por Deus, em aliança com os homens. A nova humanidade receve a vida de Deus, o Espírito (=rio de água da vida). Todos têm acesso à plena realização (=árvores da vida que dão fruto sempre), pois já não há proibição (Gn3,22-24). Doravante, há um só culto dos homens a Deus: todos pertencem definitivamente a Deus; com Ele reinarão para sempre.

**22,6-21:** O final do Apocalipse é um diálogo entre João, o Anjo e Jesus com a assembleia cristã, onde se faz a leitura do livro: uma reunião litúrgica, onde se explica, se medita e se aplica a mensagem.

**22,7:** A vinda de Jesus é progressiva e se manifesta através do testemunho daqueles que continuam o que Ele fez: manifestar a verdade, revelar o amor do Pai e provocar a conversão. É assim que a constante vinda de Jesus destrói o mundo injusto, para construir o mundo novo.

**22,8**: Cfr. Ap. 19,10.

**22,10-11:** O conteúdo do livro é urgente; os cristãos não podem permanecer passivos, pois o testemunho deles leva os homens a uma decisão. O Projeto de Deus vai realizar-se e já não é possível viver uma vida dupla.

Prof. Antonio José Ballestero